

“EU JÁ ERA MÃE”: OS SIGNIFICADOS DO SEGUNDO FILHO *“I WAS ALREADY A MOTHER”:* THE MEANINGS OF THE SECOND CHILD¹

Júlia de Medeiros Teixeira¹ e Cristiane Bottoli²

RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender de que forma as mães significam o exercício da maternidade do segundo filho. Para tanto, entrevistas semiestruturadas foram realizadas com três mães secundíparas³, sendo suas falas examinadas por meio de análise de conteúdo. Os relatos indicam que a percepção da maternidade após o segundo filho é de segurança tranquilidade e prazer, como um processo contínuo em busca de realização, ao mesmo tempo em que se constitui como um desafio, em razão das mudanças que ocorrem no contexto familiar. Percebeu-se que o lugar ocupado pelo segundo filho é ressignificado devido ao prazer e a articulação do próprio filho por seu espaço.

Palavras-chaves: Maternidade, Representações maternas, Relações familiares.

ABSTRACT

This study aimed to understand how mothers signify the exercise of the second child's motherhood. For this, semi-structured interviews were carried out with three mothers who had a second child, and their speeches were submitted to content analysis. The reports indicate that the perception of motherhood after the second child is one of tranquility and pleasure. However, it also constitutes a challenge due to the changes that occur in the family context. It was noticed the place occupied by the second child is re-signified due to the pleasure and the articulation of the child for their place.

Keywords: Motherhood, Maternal representations, Family relationships.

1 Psicóloga formada pela Universidade Franciscana. Universidade Franciscana - UFN. E-mail: julia.m.t@hotmail.com

2 Mestre em Psicologia da Saúde (UFSM). Docente de Psicologia - Universidade Franciscana - UFN. Email: cbottoli@hotmail.com

3 O termo secundíparas será utilizado no decorrer desta pesquisa para se referir a mulheres que têm dois filhos.

INTRODUÇÃO

“Ela se transforma numa pessoa doce e sensata, de quem se espera comedimento e indulgência. Eva cede lugar, docemente, a Maria. Cujas ambições não ultrapassam o limite do lar” (BADINTER, 1985, p. 176). Essa expectativa social cobra da mulher que se torna mãe atitudes e comportamentos específicos para o papel materno. Durante muitos anos, a figura feminina fora diretamente relacionada à maternidade, imagem esta que se consolidou como o cerne do destino da mulher, uma vez que isso seria a garantia de seu reconhecimento social.

Entretanto, essa relação passou por modificações, sendo que as mulheres obtiveram a possibilidade de controlar a sua capacidade reprodutiva, por exemplo, considerando que houve maior liberdade para que pudessem seguir os seus próprios desejos e protagonizarem mudanças culturais. Atualmente, as mulheres ocupam novos espaços sociais, para além dos cuidados do lar e da prole, havendo, assim, novas configurações de papéis, tornando-se mais distante a imagem de tão somente esposa e mãe, porém tendo que arcar com tudo simultaneamente.

Jerusalinsky (2009) afirma que, quando as mulheres experimentam a maternidade juntamente com outras atividades, reiteram a condição de não serem completas no gozo fálico, uma vez que o filho as coloca frente à falta. Assim sendo, ao procurar entender sobre a realização fálica proposta por Freud (1932), o presente estudo parte das seguintes questões: Qual o lugar ocupado pelo segundo filho? Esse novo filho pode vir a atingir a expectativa que não ocorreu com o primogênito?

Assim, esta pesquisa objetivou compreender de que forma as mães significam o exercício da maternidade do segundo filho e, em particular, elucidar suas expectativas em relação ao segundo filho, investigar qual a percepção da maternidade após o nascimento e, ainda, identificar se os padrões sociais preponderantes interferem na prática da maternidade e como elas lidam com essas solicitações.

O interesse pela temática adveio da prática de estágio no âmbito dos processos clínicos, sendo verificada a grande influência da experiência da maternidade como constituinte das demandas de mães na atualidade. Justamente, por constatar nas buscas de bases de dados como Google Acadêmico, Pepsic e Scielo, que o campo científico nacional apresenta, de modo geral, poucos estudos acerca do exercício da maternidade do segundo filho. As pesquisas já desenvolvidas sobre a temática ocupam-se da compreensão dos sentimentos, expectativas e desafios durante a gestação do segundo filho (VIVIAN *et al.*, 2013; COLDEBELLA, 2006; ESTEVES *et al.*, 2014; LOPES *et al.*, 2012). Outros temas relacionados ao segundo filho e as relações familiares também foram investigados, tais como a rivalidade fraterna e a relação com o primogênito durante a gestação do caçula (PEREIRA *et al.*, 2015; PEREIRA & PICCININI, 2011; PICCININI *et al.*, 2007). Dentre os estudos com foco neste tema, destaca-se Vivian (2010) que investigou de forma geral o tornar-se mãe de um segundo filho, desde a gestação ao segundo ano de vida.

Assim, embora algumas dessas pesquisas tenham investigado questões relacionadas a maternidade do segundo filho, poucas têm sido direcionadas para aspectos do exercício da maternidade,

a percepção e as demandas próprias do segundo filho, as mudanças interfamiliares e a pressão social ligadas a segunda maternidade, bem como entender o lugar fálico que esse filho ocupa para mãe. Diante do exposto, este estudo visa aprofundar a compreensão sobre o tema e servir de alicerce para novas pesquisas.

A Mulher e a Maternidade na Atualidade

O caráter atribuído à mulher e à maternidade sofreu alterações conforme o lugar e a cultura em diferentes momentos históricos. Até o século XII, por exemplo, não eram atribuídas às mulheres a responsabilidade pelos cuidados e educação dos filhos, e a compreensão que predominava sobre elas era vinculada ao cristianismo. “Assim, as mulheres eram vistas como traiçoeiras que atiçavam a luxúria e o ciúme, lançando os homens uns contra os outros” (NUNES, 2000, p. 22). O sentimento materno que é atribuído às mulheres, antes, não existia.

Entretanto, esse cenário se modificou na medida em que os profissionais de saúde necessitavam do auxílio e da colaboração das mulheres, tendo em vista que crianças começaram a ser destinadas a “amas de leite”, ou seja, mulheres que eram designadas a amamentar e vigiar várias crianças (ARIÈS, 1981; BADINTER, 1985). Nos séculos XVIII e XIX, com a intenção de controlar a alta taxa de mortalidade infantil, a medicina propagou informações à população sobre a importância da relação mãe e filho, visando ao melhor desenvolvimento físico e moral dos nascidos (NUNES, 2011). Por conta disso, a mulher passou a ser diretamente vinculada à maternagem e aos cuidados com a família.

De acordo com Nunes (2011), o corpo feminino também passou a ser descrito pelas habilidades relacionadas à função materna, sendo o útero valorizado como órgão ilustre. Do mesmo modo, Clemens (2015) atribui a utilização do amparo biológico para associação da mulher ao dom da maternidade e, dessa forma, destaca a conexão da imagem da mulher como mãe. Portanto, é possível perceber que, ao longo do tempo, a maternidade ganhou importância social devido à necessidade de adequar-se a aspectos do interesse histórico cultural da época.

No decorrer dos anos, a mulher foi ocupando novas esferas, para além dos cuidados da prole e do lar, passando a ser responsável, inclusive, por controlar sua capacidade reprodutiva. A partir de então, puderam ser solteiras, casadas com ou sem filhos, serem mães com atividade profissional ou dedicarem-se exclusivamente à maternidade (NUNES, 2011).

Apesar da tentativa constante de uma reconstrução da figura feminina, a maternidade ainda aparece como uma espécie de obrigação para algumas mulheres. Ao mesmo tempo em que há abertura para novas perspectivas, permanece poderosa a ideia de que a mulher só se realiza plenamente tornando-se mãe (NUNES, 2011). Assim, ainda que as mulheres sejam incentivadas a investirem nos estudos e na carreira, perdura a ideia de que deverão, um dia, desempenhar sua função nata de ser mãe.

Em consequência à diversificação dos papéis que a mulher pode ocupar, surge o ideal de mulher da atualidade, que, conforme Nunes (2011) enfatiza, refere-se a mulheres que conseguem conciliar seus desejos com todas exigências sociais colocadas sobre ela, mas que, ao mesmo tempo, massifica e apaga as diferenças subjetivas. Nesse sentido, as implicações do que se espera de uma mãe são demarcadas por uma dualidade de ser uma mãe boa ou ruim e, a partir disso, elas são submetidas a seguir um padrão de como construir a relação com os filhos, padrões que são utópicos, devido ao difícil acesso, e incompatíveis com a realidade de cada uma (DONATH, 2017). Nesse entendimento, as que não conseguem dar conta das imposições desse modelo são insuficientes frente às responsabilidades e, conseqüentemente, ficam afastadas do padrão ideal de boa mãe.

Fica evidente que as mulheres ainda se encontram enlaçadas no compromisso de serem capazes de suprir a sobrecarga da casa, família e trabalho, ao mesmo tempo em que se empenham para obter novas maneiras de lidar com essas solicitações culturais. Frente a isso, algumas delas optam pela redução do número de filhos, o adiamento da maternidade, a priorização da carreira e outros projetos e, até mesmo, a renúncia à maternidade (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Para Bezerra (2018), a construção social da maternidade é vista de forma romantizada, de maneira que as dificuldades não podem ser expostas, fugindo cada vez mais da experiência cotidiana que elas vivenciam. Atualmente, é comum ver mulheres com sofrimentos relacionados à maternidade, uma vez que a mãe sempre irá carregar a culpa por não corresponder aos ideais sociais ou, até mesmo, que a própria família deposita nela. Diante disso, é necessário analisar e compreender qual o lugar que os filhos ocupam na vida dessas mães, discussão esta que será explanada no próximo item.

O Lugar que o Filho Ocupa

Maldonado (2002) considera que a mãe percorre um período de transição em busca de reestruturações de seus papéis, passar a exercer o papel de mãe, além do papel de filha que desempenhava. Sendo assim, entende-se que a mulher necessita ser boa mãe, mesmo antes de realmente sê-lo, o que pode produzir um desamparo na mulher, em que ela teria que seguir um ideal que nem mesmo ela sabe qual é. Complementarmente, Jerusalinsky (2008) postula que, a sociedade supõe a maternagem como um saber inato à natureza feminina, provocando mais desconforto diante da inabilidade frente ao ser mãe.

Frente a esse desamparo, retomamos a Freud (1925), que esclarece a angústia de castração por meio do Complexo de Édipo, em que o feminino se destaca pela troca de objeto amoroso da mãe para o pai. Essa mudança refere-se ao fato de a mulher reconhecer-se como castrada e pela internalização da falta. A percepção do falo não pertencer ao seu corpo a faz acreditar ter sido privada (NASIO, 2007). A partir da ideia de castração, a menina buscaria o pai como objeto amoroso, como forma de encontrar o caminho para a feminilidade. Freud (1923) esclarece que ela reconhece a castração e

permanece em busca do pênis do qual foi privada. Ainda segundo o autor (1925), esse encontro com o falo só decorreria por meio de um filho, que, portanto, seria seu objeto fálico.

Para Jerusalinsky (2009), o bebê gera ambivalência na mãe, pois simultaneamente oferece a realização fálica e a faz perceber uma falta. Junto com essa realização também implica no prejuízo da atividade profissional e de seu corpo como objeto do desejo, considerando que, atualmente, a mulher não está mais reduzida ao lar e aos cuidados com os filhos. Se, por um lado, ter filhos e vê-los crescer causa alegria, por outro, à maternidade é inerente a frustração, uma vez que esse preenchimento não tem durabilidade, já que os filhos não são os únicos falos de uma mulher. Dessa forma, apesar de encontrar satisfação ou não, esse gozo remeterá a uma falta que nunca poderá ser preenchida, é um vazio constante. Tal aspecto resultará na busca de outro objeto que a complete e a faça “toda” (KEHL, 1996).

Kehl (1996) menciona que os filhos são considerados como uma objeção ao gozo fálico, dado que impedem a mãe de buscar este de outras maneiras. A partir desse ponto, pode-se afirmar que o encontro com o bebê/falo resulta em alterações na vida da mulher, uma vez que afeta a fantasia da realização em relação à maternidade. Frente a isso, surge o questionamento acerca do lugar ocupado pelo segundo filho. Esteves *et al.* (2014), destacam que diversas mães possuem distintos sentimentos e expectativas em relação ao segundo filho, podendo estar relacionadas desde a construção da imagem do bebê até as convicções referentes à identificação com seu novo filho.

Em razão de estarem frente a um novo bebê, as mães tendem a criar expectativas quanto a este, apoiando-se na experiência da primeira maternidade para comparar as perspectivas e sentimentos em relação ao segundo filho. Além disso, muitas mães esperam que o segundo filho represente algo novo na sua maneira de exercer a maternidade com diferentes perspectivas (VIVIAN *et al.*, 2013). Diante dessas colocações, questiona-se: qual o lugar do segundo filho? Este pode vir atingir a expectativa que não ocorreu com o primogênito? Para responder a esta problemática, a pesquisa fora calcada na opinião de três mães, o que será exposto no próximo item.

MÉTODO

Participaram desta pesquisa três mães secundíparas, com idades entre 37 e 40 anos, de nível socioeconômico médio, casadas com os pais dos dois filhos, sendo que todas atuam profissionalmente em áreas relativas à sua formação. A idade dos primogênitos varia de 4 a 6 anos, enquanto a idade do segundo filho varia de 1 a 3 anos. Essas mães foram escolhidas por critério de conveniência.

A presente pesquisa se configura como qualitativa, dentro dessa visão, empregou-se um delineamento de estudo de caso coletivo Stake (1994), que possibilitou investigar as condições comuns e específicas de cada caso, analisados conjuntamente, corroborando assim, para um entendimento mais profundo dos fenômenos pesquisados. Para a coleta de dados, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado, desenvolvido especificamente para esse fim, com questões como: quais são os

fatores que influenciaram a decisão de ter o segundo filho? quais são as percepções, as diferenças e os desafios da maternidade do segundo bebê? As entrevistas foram realizadas presencial e individualmente, com duração aproximada de uma hora, gravadas e transcritas para análise dos dados, sendo entregue a cada participante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias, sendo por elas assinados.

O procedimento utilizado em relação aos dados coletados foi a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), a fim de compreender como as mães significam o exercício da maternidade do segundo filho. Esse método analítico é composto por três etapas: pré-análise (formulação de hipóteses e objetivos), exploração do material (decomposição dos dados) e tratamento dos resultados (interpretação dos dados). A partir disso, os resultados foram elencados em três categorias.

Importante ressaltar que a presente pesquisa fora elaborada atendendo estritamente às exigências éticas de estudos com seres humanos, conforme a resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e Resolução N° 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), sendo executada somente após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Franciscana (UFN), sob o parecer n°: 04293718.0.0000.5306. Ainda, cabe mencionar que os dados que identificam as participantes foram alterados de modo a preservar suas identidades.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este estudo tem por objetivo compreender como as mães significam o exercício da maternidade do segundo filho. Os dados foram analisados em categorias construídas a partir da análise das entrevistas e dos objetivos propostos inicialmente nesta pesquisa. Por meio dos dados coletados, foram estabelecidas as seguintes categorias de análise: A chegada do segundo filho; Os significados do segundo filho; e, O lugar do segundo filho.

Tabela 1 - Caracterização das Participantes.

	Mãe A	Mãe B	Mãe C
Idade	40 anos	37 anos	38 anos
Nível socioeconômico	Médio	Médio	Médio
Profissão	Contadora	Docente	Procuradora Federal
Estado civil	Casada	Casada	Casada
Idade do primogênito	6 anos	5 anos	4 anos
Idade do segundo filho	2 anos	3 anos	1 ano
Sexo do primogênito	Masculino	Masculino	Masculino
Sexo do segundo filho	Feminino	Masculino	Masculino

Categoria 1: A Chegada do Segundo Filho

Em relação às expectativas com a chegada do segundo filho, as mães entrevistadas referiram que sempre planejaram ter dois filhos, porém, duas destacaram que o desejo pelo segundo filho

tornou-se maior visando ao fato de o primogênito ter um irmão e não ficar sozinho. Veja-se: “*Mas depois do P. (primogênito), eu achava importante ter filhos e também depois no futuro para ele ter um irmão [...] vejo assim pessoas que são sozinhas, só um filho, vejo que se vão os pais e ela fica*” (Mãe A); “*meu marido também já está com quarenta e cinco anos e eu com quase quarenta a gente vai morrer, e ele vai ficar sozinho, né [...] a primeira motivação é pensar num parceiro para o irmão, né, um companheiro e tal*” (Mãe C).

Vivian *et al.* (2013), conforme pesquisa realizada com gestantes de segundo filho, refere que as mães também foram motivadas pelos pedidos do primogênito em ter irmãos, o que vai ao encontro das falas das participantes. Nesse sentido, é construída a possibilidade de que o primogênito tenha um irmão e, conseqüentemente, não fique sozinho no futuro. Pode-se perceber, ainda, que a decisão é embasada na preocupação com o primogênito, mantendo-se, assim, o foco no enlace mãe-primeiro filho.

Ao mesmo tempo em que expressam a expectativa de que o segundo filho seja um irmão que ampare o primogênito na falta dos pais, as três participantes referiram a própria história familiar ou a do esposo, principalmente com os irmãos, como parâmetro para justificar sua motivação na decisão de dar um irmão para o seu primogênito. Com isso, é possível perceber que o relacionamento do primeiro e segundo filhos pode baseado na maneira em que a mãe narra a sua história com os irmãos. Veja-se:

“eu vejo como é bom eu ter meus irmãos a gente divide muita coisa, a gente se curte muito [...] eu não consigo imaginar uma pessoa sem irmãos” (Mãe A);

“eu via como era importante eu ter os meus irmãos, né, e como era legal a vida em família [...] eu queria projetar isso para meus filhos [...] um irmão ajudando o outro, e eu acho que a melhor herança que tu pode deixar para um filho é um irmão” (Mãe B);

“o fato de eu ter a família grande e meu marido também, então a gente sempre quis ter a família grande [...] eu sempre meio que soube que queria ter dois filhos porque tenho cinco irmãos” (Mãe C).

No entendimento de Lopes *et al.* (2012), a mãe, ao se deparar com a experiência de ter dois filhos, é remetida a sua vivência como filha, ao processo de tornar-se irmã quando criança e à posição que ocupa em sua família de origem (primogênita, filha do meio ou caçula), sendo que é com base nessas relações que se torna possível à construção da maternidade com o segundo filho.

Categoria 2: Os Significados do Segundo Filho

Esta categoria elucidada, segundo as falas das mães entrevistadas, aspectos referentes à percepção, ao exercício e às demandas da maternidade do segundo filho. Nesse ponto, foram elencadas três subcategorias, para que seja possível estabelecer a emersão dos aspectos relativos à construção dos significados do segundo filho: A experiência de ser mãe do segundo filho; Construindo a maternidade do segundo filho; e As demandas do exercício da maternidade do segundo filho.

A Experiência de ser Mãe do Segundo Filho

No tocante à percepção sobre a maternidade após o segundo filho, as participantes retratam seus sentimentos utilizando como referências as experiências vivenciadas com o primeiro. Conforme Jerusalinsky (2008), no princípio da função materna, percebe-se que a mãe percorre um nível de ansiedade devido aos compromissos com as solicitações do bebê, isto é, uma configuração psíquica de colocar-se em completo estado de vigilância. Entretanto, nesta pesquisa, as mães recorrem a comparações em relação à primeira experiência demonstrando maior tranquilidade quanto aos aspectos práticos em relação aos cuidados com o segundo filho, estando emocionalmente mais seguras. Retratam que o fato de já terem sido mães do primogênito foi um fator facilitador para esse processo. É como se a maternidade do segundo filho ocorresse de forma despreocupada, pois, a partir da experiência e do conhecimento já adquiridos com o primeiro, transmitem segurança para si mesmas e para criança, diferentemente da experiência anterior. Isto pode ser observado nas falas das três participantes:

[...] e com a R. (segundo filho) a gente tinha mais segurança, e acho que a gente passa mais segurança para criança. Então, chorou menos, ela teve menos cólica, ela é muito diferente, tu curte mais... tu curte mais aquele momento do segundo por tu ser mais desenganada da maternidade. (Mãe A)

[...] eu acho que a maternidade do segundo filho ela é menos, não sei se é angustiante a palavra, ela é menos ansiosa [...] é mais fácil porque eu já sabia como trabalhar [...]. (Mãe B)

[...] eu vejo nitidamente que a gente fica bem mais relaxada, bem menos preocupada [...] é diferente, com certeza tem a ver com a atitude da mãe, né, eu acho que todo segundo filho é mais despachado [...] é mais despachado do que o primeiro, é menos frescura [...]. (Mãe C)

Pelo exposto, fica evidente que a experiência com o primeiro filho afeta a maneira de se relacionar com o segundo, visto que proporciona segurança às mães (Vivian *et al.*, 2013), criando uma percepção diferente sobre a forma de utilizar as estratégias de cuidados. Coldebella (2006), ao pesquisar as expectativas e sentimentos acerca do bebê em gestantes primíparas e secundíparas, destaca que há uma sensação de tranquilidade em relação aos cuidados com o filho mais novo, devido ao fato de já serem mães de um filho. Sua pesquisa ressalta que a prática com o primogênito constitui um fator que contribui para uma menor ansiedade em relação ao segundo filho.

A partir desses elementos, pode-se compreender que a percepção da maternidade após o segundo filho, para essas mulheres, está ligada à segurança, à tranquilidade e, conseqüentemente, ao prazer. Dessa forma, nota-se que a vivência da maternidade do segundo filho é atravessada pelas memórias do primogênito, principalmente pela comparação entre as duas maternidades, tanto nas questões práticas quanto psíquicas.

Pode-se concluir, então, que o fato de as mães vivenciarem a maternidade do segundo filho de maneira mais segura, justamente pela experiência, proporcionou que elas pudessem “aproveitar mais” o filho caçula, processo esse que não aconteceu na maternidade do primeiro filho, devido a

preocupações e inexperiências frente às demandas advindas dessa nova vivência. Assim, percebe-se que, enquanto a maternidade do primogênito foi marcada pela realidade das mudanças, a do segundo filho é desfrutada com maior prazer, sendo que tanto a maternidade do primeiro quanto a do segundo parecem compartilhadas, ou seja, parte uma da outra, como um processo contínuo em busca de realização dessa mãe.

Logo, a experiência da primeira maternidade parece ter afetado positivamente a vivência da segunda, uma vez que conseguiram identificar as necessidades do filho e, assim, reagiram de forma mais segura com eles. Importante mencionar que essa maneira mais tranquila de exercer a maternidade aparece como um fator favorável e desfavorável, ao mesmo tempo, pois o cuidado pode tornar-se automático ao passo que aplicam o que aprenderam com o primeiro filho e acabam, muitas vezes, não percebendo as demandas únicas do segundo.

Construindo a Maternidade do Segundo Filho

As mães participantes expõem algumas dificuldades e interferências em relação ao exercício da maternidade relacionada ao fato de terem dois filhos. A Mãe A considerou a questão de ser menos exigente em relação ao segundo e também questionou a respeito de ter que dividir a atenção entre eles, ressaltando que pode estar sendo injusta com o primogênito.

Para Vivian *et al.* (2013), o segundo filho altera as inter-relações familiares, uma vez que, a integração deste gera novos relacionamentos e solicitações na configuração familiar, modificando, assim, questões referentes ao tempo e ao envolvimento afetivo. Esse fato é enfatizado pela Mãe A: “até que ponto estou sendo justa em relação ao P. (primogênito)? [...] e saber dividir o tempo para os dois e a atenção para os dois”. Conforme os ensinamentos de Vivian (2010), as mães apresentam intensa preocupação com o primogênito, principalmente em relação à diminuição da atenção voltada a ele. Além disso, a autora também destaca que as mães se questionam sobre a maneira como dividem a atenção e os cuidados que antes eram destinados apenas ao primeiro filho. Assim, apesar de todas as participantes mencionarem o fato de terem planejado o segundo filho, resta claro na fala transcrita anteriormente que mesmo com este, a mãe A. ainda se culpa por não dar a atenção que julga ser necessária ao primeiro.

Pode-se dizer que essas preocupações atribuídas ao primogênito parecem ser desfavoráveis ao segundo filho, já que podem resultar na não percepção de suas solicitações. Tal aspecto pode contribuir para que segundo filho fique em segundo plano diante da relação mãe-primogênito. A respeito disso, Vivian (2010) constata que parece haver uma maior preocupação com o primeiro filho, devido ao temor de que ele sofra emocionalmente com o compartilhamento da mãe, uma vez que “é natural” que esta vá dedicar mais tempo aos cuidados de uma criança mais nova, pelo motivo de sua total dependência. Isso pode resultar na ausência da mãe e no temor de perder seu amor em prol do irmão. Em

relação a isso, a Mãe B narra que o exercício da maternidade do segundo filho é baseado no trabalho da paciência e dos ciúmes entre os irmãos: *“o segundo filho fez eu trabalhar muito a paciência [...] trabalhar que os dois são amor da mãe [...] às vezes eu não sei como lidar com os ciúmes”*.

Nesse sentido, retoma-se a Vivian *et al.* (2013), que, em pesquisa realizada com mães no último trimestre de gestação do segundo filho, destacaram que estas sentiram apreensão e dificuldade em enfrentar os ciúmes do primogênito. Além disso, no contexto da relação mãe-segundo filho, em outro estudo realizado pela mesma autora, verificou-se que as mães relataram estar fatigadas e impacientes com o filho mais novo (VIVIAN, 2010). Nessa perspectiva, pode-se perceber que as participantes da presente pesquisa reiteram a preocupação destinada ao primeiro filho ao mesmo tempo em que sentimentos ambivalentes demarcam a relação com o filho mais novo.

A Mãe C, por sua vez, evidencia que a principal dificuldade no exercício da maternidade do segundo filho é a sobrecarga de ter que lidar com dois filhos ao mesmo tempo. Em virtude disso, teme não perceber as necessidades do segundo filho: *“a mãe não tem folga [...] é full time a demanda não acaba nunca [...] e o segundo é aquela correria, aquela confusão e então daqui a pouco tenho medo de não perceber uma situação dele ou uma necessidade dele”*.

A partir desse fragmento, pode-se pensar na naturalização do papel materno em ter que “dar conta de tudo”, pois ao referirem as solicitações da maternidade do segundo filho, as participantes retratam a crença de que essas atribuições são designadas apenas à mãe. Dessa forma, retoma-se a ideia de que se tem atribuído à maternidade um modo de pressão social, em que a mãe deve exercê-la em tempo integral. Logo, a mãe deve ser aquela que se sacrifica com o propósito de dar conta da casa e dos filhos (CLEMENS, 2015). Elucidando essa questão, Donath (2017), afirma que esse é o modelo de maternidade que está presente na fantasia social ocidental, sendo que, quando as mães não agem conforme os padrões estabelecidos por esse modelo, elas possivelmente serão estigmatizadas como mães insatisfatórias e, até mesmo, negligentes.

A partir disso, está evidente o lugar que a pressão social ocupa na construção do exercício da maternidade, lembrando que está diretamente ligada ao entendimento de um padrão de maternidade a ser seguido. Considerando isso, pode-se inferir que essa pressão também pode estar presente na maternidade do segundo filho. Assim, ao discutir o exercício da maternidade do segundo filho, visualiza-se que parece ser mais trabalhoso lidar com as pressões psíquicas relacionadas à maternidade deste, apesar de já terem-nas vivenciado na maternidade do primogênito. Além disso, pode-se perceber existir um embate entre o cansaço e o sentimento de que deveriam se envolver mais com o filho mais novo.

Nos ensinamentos de Lopes *et al.* (2012), muitas vezes, as mães, por já terem inaugurado a maternidade com o primogênito, atribuem ao segundo filho uma experiência mais tranquila. Entretanto, acabam constatando uma realidade diferente em razão da necessidade de criar um espaço para o mais novo lidar com as solicitações do primeiro e das demandas de um filho pequeno, assim como

o manejo de ser mãe de dois. Logo, pode-se dizer que a maternidade do segundo filho constitui um desafio devido às mudanças que ocorrem tanto subjetivamente quanto no contexto familiar.

As demandas do Exercício da Maternidade do Segundo Filho

Outro aspecto destacado pelas participantes são as cobranças sociais, as quais as mães apontam como as principais demandas implicadas na maneira em que exercem a maternidade do segundo filho e na forma em que lidam com essas solicitações. A respeito disso, a Mãe A. narrou que:

me falavam, tem gente que fala, né, que tem que amamentar. E falam: tu amamentou só até os seis meses? [...] do primeiro tu dá mais bola para o que as pessoas falam, sabe? Tu já fica assim, será? [...] o segundo tu pensa: eu que sei o filho é meu [...].

A Mãe B expôs que: *"[...] queria fazer diferente para o segundo, eu não vou me estressar se não der [...] ele vai tomar o mamazinho dele e eu vou transferir amor, e não vou amar menos ele porque não dou mama no peito.*

Jerusalinsky (2008) destaca que, ainda que a mãe esteja realizando a maternidade com competência, há o sentimento de culpa por não conseguir "dar conta" de ser mãe conforme seus ideais. Assim, associa suas dificuldades à eficiência de outras mães, carregando consigo um ideal inatingível. Diante disso, pode-se dizer que, referente às cobranças sociais, aparecem aspectos tanto do real quanto do ideal na maternidade com o segundo filho.

A esse respeito, a maternidade do segundo filho fez com que as mães buscassem referências na própria experiência com o primeiro filho. No contexto dos cuidados práticos, elas parecem ter conquistado liberdade por questões que cercam a própria experiência e escolhas anteriores, além de reconhecerem a impossibilidade de ser uma mãe perfeita.

Entretanto, é possível perceber que as participantes buscam meios de atender às diversas demandas da maternidade, por mais que estas representem dificuldades e, até mesmo, uma sobrecarga. Assim, seguem manifestando desejos de dar conta de muitas coisas ao mesmo tempo, sendo que não produzem nenhuma crítica sobre isso. Dessa forma, tanto na maternidade do primeiro quanto na do segundo filho, reafirma-se o modelo de maternidade ideal, em que a mulher deve dar conta de tudo. Assim, evidenciam-se sentimentos ambivalentes entre a maternidade ideal e real. Esses elementos reiteram o proposto por Bezerra (2018) sobre a importância de as mães colocarem a maternidade em um lugar real, distante daquele que é denominado como norma para a forma de exercer a maternidade.

Categoria 3: O Lugar do Primeiro e do Segundo Filho

No tocante à forma como as mães significam a maternidade do segundo filho, os relatos das participantes demonstram a maneira como a vivenciaram e seus desejos. Pode-se verificar, nas falas

transcritas abaixo, como é significada essa maternidade:

“então eu já era mãe, isso é diferente no segundo filho, no primeiro tu quer ser mãe, quer ter a maternidade e aquela coisa que tu nunca teve. Tu quer aquela experiência, no segundo eu já tive aquilo, não é por necessidade da maternidade ou por realização de ser mãe, já era mãe” (Mãe A.); “é que quando o primeiro filho nasce, nasce um filho e nasce uma mãe, né. Quando o segundo filho nasce a mãe já existe, então a gente tem que ser muito grata ao primeiro filho por ensinar a gente a ser mãe” (Mãe B.).

Para Freud (1932), a maternidade seria a saída para preencher a falta e, conseqüentemente, a incompletude da mulher. Assim, conforme a teoria freudiana, o bebê viria a substituir o falo, isto é, seria uma resolução para a angústia da castração. Dessa forma, ao ter a maternidade como possível para a realização fálica, pode-se observar, em seus discursos, que a necessidade de realização de ser mãe foi atingida, em parte, com o nascimento do primeiro filho.

Em relação a essa questão, pode-se inferir que a maternidade do segundo filho, para essas participantes, não se concretizou pelo advento da realização de ter um bebê, visto que na primeira maternidade parecem já ter alcançado. Então, verifica-se que o segundo filho parece não configurar uma nova possibilidade de realização, sendo que, portanto, a maneira como as mães experienciam esta maternidade é demarcada a partir da sua visão sobre como foi a primeira experiência, além de recaírem sobre elementos idealizações, tendo noções mais aproximadas da realidade, utilizadas como parâmetro.

Tal aspecto tem implicações diretas para o filho mais novo, uma vez que essa configuração parece não permitir o estabelecimento de um lugar tão evidenciado quanto o do irmão. Veja-se: *“o segundo acho que tem que chamar a atenção de algum jeito, né, então o primeiro já chama a atenção só por existir e o segundo não. Ele tem que ser o sorridente, tem que seduzir as pessoas a volta dele para ter aquela atenção, né, que o primeiro tem naturalmente” (Mãe C).* Diante disso, é possível perceber que, na maternidade do segundo filho, o lugar ocupado pelo caçula na economia psíquica não é o mesmo do primogênito e, nessa perspectiva, há uma maior idealização ligada ao primeiro que, conseqüentemente, ocupa uma posição privilegiada. Isto ocorre, possivelmente, pelo fato de este ter inaugurado o psiquismo materno, o que vai ao encontro do que Vivian (2010) aponta acerca das mães destacarem aspectos positivos sobre o primogênito, enquanto, no segundo, são evidenciados fatos menos valorizados por elas.

Nesse sentido, nas falas das participantes, faz-se perceptível que o primeiro filho parece oferecer uma realização fálica, isto é, ocupa, em parte, um lugar de falo, o qual leva a mãe a ter um maior investimento, sendo que o segundo filho, por sua vez, não ocupa esse mesmo lugar. Diante dessa realidade, é possível pensar que o segundo filho, ao ser caracterizado como sedutor, estaria demonstrando a forma como ele lida com a questão de não estar tão em evidência quanto o irmão, assim, como tentativa de evocar atenção, busca articular seu próprio lugar a partir de sua independência. Vivian (2010), em seu estudo, revela que as mães apontam o filho mais novo como agitado e, conseqüentemente,

como o que oferece mais dificuldade. Novamente, reforçam a ideia de que o segundo obriga uma reconstrução na forma de exercer a maternidade ao ser questionador, criativo e independente, portanto, conseqüentemente, também ocupa um lugar singular no psiquismo da mãe.

Dessa forma, a maternidade do segundo filho é exercida em decorrência da relação com o primeiro, na qual a mãe já encontrou a realização. Logo, é possível perceber que o objetivo de ter o segundo também é amparado nesse relacionamento, devido à necessidade do primogênito de ter um irmão. A maternidade do segundo filho pode ser significada como aquela que simbolicamente permitiu aliviar as angústias, referentes ao futuro do primeiro.

Contudo, embora possa ser tranquilizante nesse sentido, percebeu-se as exigências da mãe em relação à diminuição do envolvimento com o primogênito, em detrimento dos cuidados com o segundo. Ao mesmo tempo em que é considerável a facilidade com que exercem os cuidados práticos, esse aspecto parece representar um obstáculo na internalização do filho mais novo, uma vez que considera que não precisa destinar tanta atenção ao caçula quanto ao primeiro que foi privado do lugar de filho único. Então, em decorrência disso, Vivian (2010) destaca que o primeiro filho, ao ser deslocado do lugar singular, precisa modificar seu espaço e seu pensamento conforme a presença do irmão caçula.

Logo, tal como aparece nas falas das mães, destaca-se que a maternidade do segundo filho é demarcada pelo sentimento de ambivalência, considerando que, ao mesmo tempo em que o filho mais novo traz companhia para o primeiro, é ele mesmo que provoca a ruptura no relacionamento mãe-primogênito. Desse modo, elas manifestam desejo em investir mais no primeiro filho, apesar de estarem envolvidas nos cuidados do caçula. Assim, fica evidente o sentimento de culpa por não ser possível a dedicação exclusiva ao primeiro e, conseqüentemente, transmitem a ideia de estarem em dívida quanto a esses investimentos.

Nessa perspectiva, cabe destacar que a ideia da maternidade do primeiro filho, por ter sido planejada pelas mães em um momento ideal de suas vidas, e por toda a idealização que envolve a primeira maternidade, parece apontar para o fato de que o primogênito ocupa um lugar principal de falo para a mãe. A partir desse ponto, é necessário refletir se realmente o primeiro filho ocupa esse lugar, visto que ainda havia um espaço a ser disponibilizado ao segundo. Desse modo, podemos pensar nele de uma forma ressignificada, tendo em vista que isto ficou evidenciado quando as participantes enfatizam prazer em exercer os cuidados com o caçula, bem como em relação à forma que esse filho as convoca a proporcionar esse espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender como as mães significam o exercício da maternidade do segundo filho e, por todo o exposto, é possível afirmar que o segundo filho enseja modificações no exercício da maternidade quando comparado ao primogênito. Essas mudanças estão

relacionadas, principalmente, com o amadurecimento das mães quanto às questões de ordem prática, bem como com os desafios resultantes do maior desenvolvimento do caçula, relacionado a fatores como independência e questionamentos.

A partir dos resultados obtidos percebe-se que, de modo geral, ainda que segundo filho não tenha inaugurado o psiquismo materno e, conseqüentemente, não seja idealizado a configurar como uma nova possibilidade de realização para essa mãe, ele busca reivindicar o seu lugar. Contudo, por não ocupar uma posição tão evidenciada como a do irmão mais velho, o caçula procura meios para inserir-se, fazendo com que a mãe, ao ser desafiada, também proporcione um novo espaço a ele.

Logo, está evidenciado que, apesar de não ocupar o principal lugar de falo, o segundo filho também proporciona prazer à mãe, uma vez que, com a experiência do primogênito, essas mães aprenderam sobre as questões práticas. Portanto, na maternidade do segundo, puderam gozar da sabedoria e desfrutaram da criança de forma que não foi possível com o primeiro. Dessa forma, entende-se que a experiência da maternidade do segundo filho pode ser considerada como a continuidade de realização, que teve origem com o nascimento do filho mais velho.

Entretanto, cabe ressaltar que a equação freudiana pênis = falo = bebê como realização do gozo fálico parece não se resolver, visto que esta foi escrita para mulher de sua época, a qual só era reconhecida se fosse esposa e mãe. Atualmente, a maternidade não pode ser pensada como única resolução edípica, pois o lugar do feminino e da mulher adquiriu um outro status e novos desdobramentos. Assim, o segundo filho não proporcionaria a completude à mãe por uma questão metapsicológica, mas também em razão da cultura, uma vez que as mulheres possuem outras formas de realização de si enquanto sujeito.

Nesse sentido, se a mãe não se realizou totalmente com o primeiro filho, não será com o segundo que atingirá a plenitude de ser toda-mãe. Desse modo, ainda que o filho possa ser um objeto que articula com a falta da mãe, ele não poderá tamponar o apetite fálico desta, visto que o desejo não cessa, ele é dinâmico e continuará buscando um novo objeto para se reinscrever. Porém, mesmo diante dessa situação de impossibilidade de completude, a maternidade ainda aparece socialmente colocada como única possibilidade de realização pessoal, corroborando o estabelecimento de um modelo que idealiza a maternidade.

Nesse modelo, sobressai a ideia de que a maternidade é algo instintivo e sublime. Em detrimento da romantização desse processo, para sentir-se mãe, a maternidade deve ser concebida e vivida como um encontro perfeito. Assim, através da vivência da maternidade do primeiro filho, esse padrão parece se configurar, visto que é um momento novo, desconhecido e, ao mesmo tempo, permeado de exigências e ideais.

No entanto, essa idealização não prevalece na maternidade do segundo filho, uma vez que esta foi construída a partir da experiência anterior. Nesse sentido, não é atribuída à segunda maternidade um aspecto marcante e, em consequência disso, cada mãe pode constituir a vivência do segundo filho

de forma singular, havendo experiências mais positivas e próximas da realidade, logo, mais satisfatórias. Ademais, cabe destacar também que, assim como cada filho é diferente, o modo como a mãe irá exercer a maternidade também será, o que sinaliza a importância de conhecer a diversidade de cada experiência materna. Dessa maneira, ressalta-se a relevância sobre a temática, pois ainda há uma escassez de estudos voltados a esse enfoque, principalmente, no tocante à relação mãe-segundo filho.

Ao longo desta pesquisa, surgiram algumas hipóteses. Pode-se pensar que, se o primeiro filho não fosse menino, talvez o lugar ocupado pelo caçula poderia ser diferente do observado no estudo, principalmente ao considerar a importância da relação edípica entre o menino e sua mãe. Ainda, se as mães fossem mais jovens, o resultado poderia ser outro, pois, em função da idade, poderiam ser mulheres que estariam endereçadas a outras formas de realização fálica, que não somente a maternidade. Além disso, é possível suscitar a hipótese de que, caso a gestação do segundo filho não fosse planejada, essa maternidade poderia ser exercida e vivenciada de maneira menos prazerosa. Esses atravessamentos podem aparecer de maneira diferente em outras pesquisas, por esse motivo, reitera-se a relevância de investigar essas questões em outros contextos.

Por fim, para reflexões futuras, é importante pensar a respeito da maternidade do segundo filho e as vicissitudes do lugar ocupado por ele. Esse lugar, essencialmente, revela um novo exercício da maternidade, resultando em desdobramentos na relação materna, assim como nas demais relações familiares. Nesse sentido, esta pesquisa teve o intuito de contribuir para a Psicologia como ciência e profissão e para a Psicanálise, por buscar compreender relações que estão sendo negligenciadas nos estudos sobre maternidade ou vistas a partir de um mesmo enfoque.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Traduzido por Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno** 2. ed. Tradução de W. Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Maternidade: Novas possibilidades, antigas visões. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 163-185, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/X3dyWtRFFFfy8wnyZMgzgYd/abstract/?lang=pt> Acesso em: 30 set.2 023.

BEZERRA, M. P. F. **Sobre corpos do mundo real: a mulher para além da maternidade**. Anais XIII CONAGES... Campina Grande: Realize, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/42204>. Acesso em: 30 set. 2023.

CLEMENS, J. A. (Mal) **Dita maternidade: A maternidade e o feminino entre os ideais sociais e o silenciado**. 2015. 269p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

COLDEBELLA, Nádia. **Expectativas e sentimentos acerca do bebê em gestantes primíparas e secundíparas**. 2006. 118p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

DONATH, Orna. **Mães arrependidas: Uma outra visão da maternidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

ESTEVES, C. M.; SONEGO, J. C.; VIVIAN, A. G.; LOPES, R. de C. S.; PICCININI, C. A. A gestação do segundo filho: Sentimentos e expectativas da mãe. **Psico.**, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 542-551, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/12284>. Acesso em: 30 set. 2023.

FREUD, Sigmund. (1923). **A organização genital infantil**. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1925). **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos**. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Feminilidade**. (1932). In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

JERUSALINSKY, Julieta. Angústia na pós-maternidade. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.**, Porto Alegre, v. 35, p. 9-20, 2008. Disponível em https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/agenda/eventos_internos/bibliografia-de-Formacao-para-a-deteccao-e-intervencao-precoce.pdf. Acesso em: 30 set. 2023.

JERUSALINSKY, Julieta. **A criação da criança: Letra e gozo nos primórdios do psiquismo**. 2009, 272p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

KEHL, M. R. **A mínima diferença: Masculino e feminino na cultura**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LOPES, R. C. S.; VIVIAN, A. G.; OLIVEIRA, D. S.; PEREIRA, C. R. R.; PICCININI, C. A. Desafios para a maternidade decorrentes da gestação e do nascimento do segundo filho. In: PICCININI, C. A.; ALVARENGA, P. (Orgs.), **Maternidade e paternidade: A parentalidade em diferentes contextos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 295-318.

MALDONADO, M. T. **Psicologia da gravidez: parto e puerpério**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

NASIO, J. D. Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NUNES, Silvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

NUNES, Silvia Alexim. Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 101-115, 2011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 set. 2023.

PEREIRA, C. R. R.; PICCININI, C. A. Gestação do segundo filho: percepções maternas sobre a reação do primogênito. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 28, 65-77, 2011. Disponível <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/kBTPKVPvchTStjdsYD8M7zh/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 30 set. 2023.

PEREIRA, C. R. R.; SILVA, D. G.; PICCININI, C. A.; LOPES, R. C. S. Rivalidade fraterna durante a gestação materna do segundo filho: manifestações e estratégias de manejo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 32, p. 653-662, 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/vBt7WtCLMVJFd-W5PTXp8Sbt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: set. 2023.

PICCININI, C.A.; PEREIRA, C. R. R.; MARIN, A. H.; LOPES, R. C. S.; TUDGE, J. O nascimento do segundo filho e as relações familiares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 23, p. 253-262, 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ptp/a/KPW338hxWphXxr5nHhdy5QH/>. Acesso em: set. 2023.

STAKE, R. **Handbook of quality research**. London: Sage, 1994.

VIVIAN, A. G.; LOPES, R. de C. S.; GEARA, G. B.; PICCININI, C. A. ‘Eu fico comparando’: Expectativas maternas quanto ao segundo filho na gestação. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 75-87, 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/6RRW9pyd8ZTqJKMKQHhfsYJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 set. 2023.

VIVIAN, A. G. **Tornar-se mãe de um segundo filho: Da gestação ao segundo ano de vida da criança**. 2010. 270p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.